



CAMPINAS, SEGUNDA-FEIRA, 7 DE JULHO DE 1997

O legado de Eleazar de Carvalho

MARIA CLAUDIA MIGUEL

Nas palavras do regente Emílio de César, sobrinho de Eleazar de Carvalho, seu tio "poderia ter regido orquestras do mundo todo, mas abdicou de tudo para favorecer os músicos brasileiros". Ele, que é uma das principais autoridades musicais em Brasília, onde rege a Orquestra Sinfônica da Escola Municipal de Música, declara: "Me preocupo com a nova geração. Me preocupo com os teatros vazios. Me preocupo em dar continuidade ao legado do maestro".

Emílio de César regeu o Coral que participou da abertura da programação oficial do Festival de Artes de Itu, na última sexta-feira, na Igreja Matriz Nossa Senhora Candelária. Sem se desviar do estilo do maestro criador do Festival, o concerto saiu da partitura da Orquestra de Câmara Eleazar de Carvalho, do Ceará, com obras de Bach (solo de Sergei de Carvalho, filho do maestro), Bottesini, Schubert e uma suíte de obras de autores nacionais. Na regência, Márcio Landi.

Mais do que tirar som do violino, o músico Fábio Brito, 31 anos, conseguiu sensibilizar o governo e a iniciativa privada do Ceará para o sonho de Eleazar de Carvalho: criar uma orquestra que fugisse da fogueira de vaidades e se tornasse um núcleo de formação cultural.

Brito escreveu o projeto — inicialmente seria um quinteto de cordas — e o encaminhou ao diretor de Artes da Teleceará, Augusto César Costa, obtendo os recursos para os salários dos músicos — hoje recebem de R\$ 900,00 a R\$ 1.500,00. O secretário de Estado da Cultura, Paulo Linhares, apoiou a causa e através da Lei Jereissati, de Incentivo à Cultura, ampliou o elenco para 16 músicos de cordas.

A atividade, porém, ultrapassou os limites da orquestra. Seus instrumentistas já iniciaram aulas em duas escolas situadas em bairros pobres de Fortaleza. O trabalho vem sendo financiado pela Companhia de Energia Elétrica do Ceará, através do coordenador Jurandir Picance.

GRATIDÃO

Para o maestro Emílio de César, que ontem regeu o Coral de Câmara do Festival na Igreja do Carmo, dentro da programação do Festival de Itu, o Brasil será sempre gra-

to ao Ceará "se persistir na causa cultural, e deixar bases sólidas para que na hora de mudança de governo, não acabe tudo". A respeito do ideal de Eleazar de Carvalho em construir uma escola de graduação e pós-graduação em Itu — agora conduzido pela pianista e mulher do maestro, Sonia Muniz —, César defende que a iniciativa privada não pode ficar à margem da questão.

"Temos músicos do maior gabarito. É preciso criar mais empregos e salários bons. O instrumentista é como um metalúrgico que luta por melhores condições de trabalho. O Brasil não pode mais se esquivar de que seu retrato está na sua cultura", argumenta.

Depois da apresentação do Coral na Igreja, a Praça do Carmo estendeu o cenário de barraquinhas de artesanato com músicos uniformizados das corporações musicais União dos Artistas de Itu e a Academia de Conceição de Itapeverica da Serra.

O diretor de Cultura, Renato Benedetti, garantiu que irá introduzir atividades permanentes no calendário para que a cidade seja realmente um pólo cultural. "Estamos com projetos de música e teatro para o segundo semestre com artistas e produções de Itu", adianta.

Amiga de Eleazar de Carvalho, a cantora Iolanda Conceição da Silva veio de Porto Alegre para assistir o gênero Perivaldo jogar no Ituano e aproveitar os concertos da temporada. "Eleazar trabalhou com meu tio Osmar A. Pedroso, clarinetista. Ele é um exemplo. O Festival prova."

Ontem à noite, no Auditório Nobre Imaculada Conceição, da Faculdade Nossa Senhora do Patrocínio, foi exibida a peça *Corpo a Corpo*, de Oduvaldo Viana Filho e Zé Machado, com o Grupo Tapa dirigido por Eduardo Tolentino. Hoje será apresentada a Orquestra do Festival, às 20h30, no Colégio Terras e amanhã, às 20h30, recital com os bolsistas no Auditório Nobre Imaculada Conceição.

Na sua quinta edição, o Festival de Artes de Itu reúne 310 alunos (no ano passado foram 198) de 12 a 30 anos, 40 professores internacionais e 80 brasileiros. Orçado em R\$ 400 mil, os recursos foram obtidos da Schincariol, Transbrasil, Secretaria de Estado da Cultura e Prefeitura de Itu.

'Time' acerta a jogada e é aplaudido por pianista

No encerramento do concerto da Orquestra Sinfônica de Campinas, neste final de semana, o trompista Alex Ado Soares, não teve meias palavras: "Comparo o músico ao jogador de futebol. Às vezes está cara a cara com o gol e acaba chutando fora. A torcida critica e cai matando, esquecendo as grandes jogadas anteriores." Ao conduzir uma das melhores interpretações em *Don Juan*, obra de Gustav Mahler, ele acertou a jogada. Após o memorável solo no *Concerto nº 1* de P.I. Tchaikovski, o pianista Fernando Lopes cumpriu o "time" com aplausos.

Como parte de um grande livro, os instrumentistas são os tradutores da história. Depois de ter tocado quase 20 vezes a peça de Strauss com a Filarmônica de São Paulo, nos anos 60, o spalla (chefe de naipe) dos violinos, Frederico Barreto, revela

que precisou se dedicar à nova leitura da partitura. "É uma das mais difíceis técnica e musicalmente." Para ele, acompanhar Fernando Lopes foi um privilégio. "Ele é fantástico, há um diálogo constante do piano com a orquestra."

O violoncelista Daniel Pinto Lessa chegou a realizar alguns ensaios de naipe para melhor compreensão do repertório. "Quando tenho um solo, me sinto como uma bomba atômica que precisa ser controlada para a plateia não perceber", afirma o artista que, além de integrar a famosa Orquestra Cello em Sampa, ainda mantém, na Sinfônica, a postura de chefe dos violoncelos. "Procuro estar sempre preparado para transmitir tranquilidade ao naipe. Fico também plenamente satisfeito quando um colega de trabalho faz um solo bonito."



Orquestra de Câmara Eleazar de Carvalho se apresenta na Igreja Matriz Nossa Senhora Candelária



O músico Edson Pedro, de 13 anos

Pernambucano troca frevo por Mozart

O sotaque e o ritmo não deixam dúvidas: o menino Edson Pedro, 13 anos, vem da Banda Sinfônica do Agreste, de São Caetano, Pernambuco. Com a trompa nas mãos, é um dos destaques do Festival de Artes de Itu. Neste mês, ele troca as partituras de frevo e maracatu por um som também arretado escrito por Wolfgang Amadeus Mozart há mais de dois séculos.

Há cinco anos Pedro integra a Banda que ficou famosa não só do Oiapoque ao Chui através do trabalho obstinado do maestro Mozart Vieira, mas pelo convite para uma turnê na França. "Nunca vou me esquecer da cidade que caía neve", diz o menino como quem imagina uma história.

Em São Caetano, cidade com 35 mil habitantes, ele cursa a 7ª série na Escola Agamenon Magalhães e a exemplo dos irmãos Edileuse (clarineta), Eliane (trombone de vara), Edivana (clarineta), Erinaldo (clarineta) ministra aulas na Fundação Música e Vida para cem alunos pobres.

A Banda Sinfônica do Agreste é formada exclusivamente por instrumentos de sopro (clarineta, trompa, flauta, oboé, fagote, trompete, tuba, trombone e saxofone). Segundo Pedro, há convites "vindos do Sul" para que o elenco se apresente no Rio Grande do Sul e para o próximo ano, uma nova temporada na França.

Ao ser indagado sobre seu envolvimento com a arte, Pedro afirma determinado: "Agora tenho um direcionamento na vida. Sou músico." (M.C.M.)

O flautista Sávio Araújo, responsável por solos impecáveis no concerto de sábado, admite: "Fica aquela sensação de missão cumprida, sempre pensando que amanhã tem de ser melhor." Juliano Buosi, violinista, ainda acrescenta: "Demos todo o empenho possível. Acho que rolou. Teve magia."

Mais compenetrado, o fagotista Francisco Amstalden observou a impaciência da plateia. "Muita gente estava tossindo e às vezes desviava a nossa concentração, embora acredite que o trabalho hoje, como um todo, rendeu. Vamos levar *Don Juan* para o Festival de Campos do Jordão. É mais uma oportunidade para estar atento em alguns trechos de grande dificuldade e efeitos."

Depois de manusear o vasto instrumental da percussão, João Bosco Stecca saiu do concerto "exausto",

mas satisfeito. "Dei a interpretação exata. No momento da apresentação há algo que transcende levado pela carga emotiva. Deixamos de pensar somente na técnica, para pensar na música."

Mesmo tocando no velho piano Steinway — o novo instrumento foi avariado durante seu transporte entre Nova York e Campinas e será substituído —, Fernando Lopes parece travar um pacto com o instrumento. Depois de demoradamente aplaudido, surpreendeu: "Sempre existe um inconformismo. O músico nunca está totalmente satisfeito. Quando estiver, é sinal que está na hora de parar."

Sobre o antigo Steinway, o solista revelou: "Embora seja de mais de duas décadas, tem uma sonoridade muito nobre e um timbre dos mais limpos, mas como toda máquina, já está saturado, cansado." (M. C. M.)



Benito Juarez e o solista Fernando Lopes: piano velho